

CONTE-ME COMO CRESCER: ABANDONO E ERRÂNCIA EM LÉONORA MIANO

Patrícia Gomes Germano (Doutoranda/UEPB/PPGLI)
patricia.germano@ig.com.br

Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB/PPGLI)
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

“Acredito no autêntico prazer de viver a alternância entre a melancolia e a alegria, e acredito que a miséria seja uma circunstância, não uma sentença.”

Leónora Miano

O pós-colonial (HALL, 2003) pode ser visualizado como uma condição propícia à mobilidade, à errância, à fluidez: palavras que sinalizam às imprevisibilidades (GLISSANT, 2002) inerentes às redes interindividuais ali agenciadas (GUATTARI, 2005) e que, de certo modo, são propulsoras de complexas cartografias de infâncias, de adolescências, de juventudes, de experiências familiares...

Imersos nesse universo caótico e fraturado, sujeitos vagueiam, pontuam relações e se mobilizam para se afirmarem enquanto identidade em meio aos fluxos, ao nomadismo.

Textos timbrados com o “rótulo” de pós-coloniais convidam leitores à reflexão de como itinerários conflituosos, desenvolvidos em espaços de múltiplos encontros, desvelam a fragmentação circunscrita nas formações identitárias.

Se pensarmos o pós-colonial como uma condição que, em si, já demanda a instabilidade oriunda daquilo a que Bhabha (1998) chama de “terceiro espaço”, há de se esperar que as vivências dos sujeitos, a produção de sua identidade e subjetividade, a relação estabelecida com seus convivas em meio ao rizoma (GUATTARI, 1997), próprio do contexto da pós-colonial, são permeadas por perturbações das antigas verdades, dos aportes norteadores de “padrões” e “fixações” identitárias, bases, outrora, seguras para uma arcaica visão de mundo, abaladas, doravante, pelas desconstruções.

A princípio, compreendemos que o pós-colonial é a condição experimentada por seres e por culturas influenciados pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias atuais. Essa “pós-colonialidade” passa a afetar de modo definitivo a vida dos atores envolvidos na dinâmica do colonialismo-pós-colonialismo, posto que as alteridades resultantes deste processo inaugurem a desestabilização de códigos, “afetados” mutuamente,

pela diferença entre o mesmo e o diverso (GLISSANT, 2002) num processo de incerteza e imprevisibilidade.

A obra literária, espaço onde o estético desnuda toda sua mensagem criativa, é aqui contemplada como *lócus*, como território em que essas relações de transformação-transmutação subjetiva-identitária se fazem visualizar, sobretudo em produções que se ocupam do itinerário de personagens imersos em contextos de produção, transformação, escolha identitária.

Partimos do pressuposto de que o texto literário, muito mais que reprodução do real, é produtor de “efeitos de verdade” (FOUCAULT), porque:

Só é válido afirmar que o texto literário reproduz a realidade se se entende que reproduzir significa, literalmente, produzir de novo, ou seja, em um gesto que é, de certo modo, repetição, gerar uma realidade diferente (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p.73).

Por esse enfoque, aproximamo-nos da obra literária oriunda do pós-colonial, como esse *thopos* onde a estética alia-se à política com escopo de desvendar a violência da colonização e as fraturas ali agenciadas.

Quando além de tematizar o pós-colonial, com seus estados alterados e identidades reformuladas (APPIAH,1997), subjetividades cambiantes entre o assujeitamento e a singularização (GUATTARI, 1992), a obra se ocupa em elencar personagens apresentados como “infantes”, “adolescentes”, “jovens”, termos que a própria pós-modernidade põe sob suspeita, a questão identitária se mostra ainda mais problemática, na medida que a “naturalidade” desses agrupamentos vem a ser substituída pela reflexão da historicidade que os tomam como cartografias abertas a uma multiplicidade de entradas.

Quando falamos de identidade neste breve ensaio, pensamos num recorte que mobilize especificamente, aquelas identificações trilhadas em percursos pós-coloniais africanos e que são representadas no texto literário de autoria africana. Partimos das premissas articuladas por Appiah (Op.cit, p. 243), para quem “a identidade humana é construída e histórica [...] fruto de ” histórias inventadas, biologias inventadas e afinidades culturais inventadas”. Assim, são mais fraturadas, e inacabadas, produto de múltiplas e complexas relações, sempre provisórias, de escolhas e de agenciamentos (GUATTARI,1992), do que produzidas por

aspectos psíquico-cognitivos, ontológicos. Para Appiah (1997, p. 254) “ser africano é, para seus portadores, um dentre muitos outros modelos destacados de ser, por todos os quais é preciso lutar e tornar a batalhar constantemente.”

Em consonância a este entendimento, as identificações das etapas de desenvolvimento humano: infância, adolescência, juventude, velhice muito mais do que prerrogativas biológicas, são aqui visualizadas como criações que são produzidas e experimentadas de diferentes formas.

Para Dahllberg; Moss; Pence (2003), tanto a infância quanto a adolescência devem ser compreendidas como categorias formuladas historicamente, ou seja, são resultados de agenciamentos coletivos de enunciação (GUATARRI, 2005) e estão longe de serem imutáveis.

Assim, essas etapas não são experimentadas de forma análoga entre todos os indivíduos de todas as sociedades, como se formulava na visão estrutural da modernidade. O que se observa é a existência de “infâncias” e “adolescências”, bem como formas heterogêneas de conviver com elas, de modo que para refletir sobre a produção identitária de seres vistos como crianças e adolescentes africanos em contexto pós-colonial, é necessário perceber as especificidades que essas identificações assumem/assumiram, sobretudo pelo choque que experimentaram/experimentam.

Assim, é objeto desse ensaio pensar sobre as relações familiares desconexas e descontínuas, sobre a construção identitária do jovem no contexto pós-colonial. Para tanto, tomamos como premissa as mensagens circunscritas nas vivências do sujeito-narrador do romance de Léonora Miano: **Contornos do dia que vem vindo** (2009).

Aqui, pretendemos analisar como a desconstrução da “ordem” familiar tradicional, como o abandono e a errância, tornam-se eixos motivadores da busca identitária desenvolvida pela menina *Musango*, que transita pela cidade a procura de afirmação, de cidadania, após ser abandonada pela mãe, numa sociedade em que cuidar e educar os filhos torna-se tarefa impossível aos pais.

Prelúdio, Interlúdio e Coda: concertos para ser...

O romance **Contornos do dia que vem vindo** é a segunda narrativa da autora camaronesa radicada na França Léonora Miano. Obra que legou a autora vários prêmios, foi

publicada no Brasil pela Pallas editora em 2009, como homenagem ao ano dedicado à França em nosso país.

O texto narra a história da menina *Musango*, suas rotas em uma cidade imaginária: *Sombê*, destroçada pelo embuste colonial e pelas guerras civis do pós-independência.

Vale salientar que tanto a cidade de *Sombê* como o país *Mboasu*, apresentados como a geografia da obra, são constructos imaginários o que facilita o entendimento de que, a partir dessa produção, Léonora Miano insere o pós-colonial como uma construção, de certo modo, ocidental. Dessa forma, a autora não se limita a especificar nomes ou territórios, talvez na tentativa de sinalizar para as universalizações a que são submetidos os atores e sujeitos da colonialidade.

Na cidade de *Sombê*, *Musango* se vê maltrapilha, enfraquecida pela violência familiar, pela fome, pela perda de identidade. Passa então a desenvolver inúmeros percursos e travessias, vagueia pelas ruas sujas em cuja paisagem cadáveres insepultos de criança servem de pasto aos cães e gatos também abandonados.

Composto por duzentas e sete páginas, a obra é formulada em cinco conjuntos que fazem referência direta ao campo semântico musical: *Prelúdio: ausência* (p.10), *Primeiro movimento: volição* (p.35), *Interlúdio: resiliência* (p.99), *Segundo Movimento: geração* (p.111), *Coda: licença* (p.171). Essa escolha da autora já nos sinaliza à compreensão de que a narrativa ali contada possa estar metaforicamente associada a um concerto em que múltiplas interferências, arranjos variados, diversos instrumentos, em que inúmeros regentes vão dando voz, corpo a um todo que se individualiza perante escolhas e interação, consoante aquilo a quem Guattari chama de “paradigma estético”, dito de outro modo, a construção subjetiva e, posteriormente, a identitária perpassam o inusitado, o criativo, o imprevisto, abolindo, pois, qualquer ordem ou modelo.

No *Prelúdio: ausência*, o leitor tem acesso a um universo de reminiscências psicológicas de um narrador cujo nome só é revelado na página vinte e seis:

Há apenas sombras ao redor, é em você que estou pensando. Não que esteja de noite, ou que os vivos tenham de repente adquirido as cores do momento. Poderia ser assim se o tempo ainda se desse ao trabalho de se fracionar em intervalos regulares: segundo minutos, horas, dias, semanas... Mas o próprio tempo se cansou dessa divisão. O tempo, como nós todas, como eu, viu muito bem que tal divisão não fazia sentido. Não aqui onde estamos. Seja manhã ou noite, tudo é parecido. Há apenas sombras ao redor, eu sou uma delas, e é em você que estou pensando. Na última vez que nos vimos, você me amarrou em minha cama. Você me espancou a toda força antes de chamar nossos

vizinhos, para que vissem o que você acreditava ter feito com esse espírito mau que vivia sob seu teto e se dizia sua filha (MIANO, 2009, p. 9-10).

O texto principia com a montagem da identidade de um narrador-personagem a partir do fornecimento de pequenas peças, como se um quebra-cabeças fosse oferecido ao leitor, com o intuito de que ele estabeleça uma série de possíveis coerências e significações. Primeiramente, percebe-se que se trata de uma pessoa reclusa, trancafiada, pois esta não absorve o sentido de tempo, categoria relativizada na situação em que se encontra: “Mas o próprio tempo se cansou dessa divisão. O tempo, como nós todas, como eu, viu muito bem que tal divisão não fazia sentido. Não aqui onde estamos. Seja manhã ou noite, tudo é parecido” (MIANO, 2009, p.9).

O fato de o sujeito-narrador está recluso e num ambiente escuro, onde “seja manhã ou noite, tudo é parecido”, pode ser associado pelo leitor à clausura uterina, e as memórias do narrador, apresentadas no interlúdio, um predecessor do nascimento que ocorrerá no segundo momento do texto. Compreensão ainda ratificada pelo título do romance **Contornos do dia que vem vindo**, que interliga o dia com nascimento e a expressão, “vem vindo”, com o caminho para uma nova vida, um movimento processual. A constatação de que o próprio narrador é uma sombra, aponta ainda, para a criação de uma identidade no devir.

Ainda em continuidade a esse interlúdio, a essa “canção” de abertura, o narrador esclarece as condições que a conduziram a esse ambiente de abandono e exclusão. Nas páginas desse capítulo, rememora seu relacionamento conflituoso com a mãe, a expulsão de casa após a morte do pai, a doença que lhe enfraquece as forças, a associação desta enfermidade a um suposto espírito mau que encarnaria e, por fim, as violências físicas que sofrera antes de ser acusada de feitiçaria e, posteriormente, abandonada pela genitora, aos nove anos de idade e passar a trafegar pelas ruas de *Sombê*, encorpando a já avantajada legião de crianças abandonadas à própria sorte.

Assim, a narrativa está condensada, num primeiro momento, no abandono que lhe impulsiona a crescer, a buscar significação e construir à própria identidade longe do ambiente familiar.

Através das errâncias de *Musango*, o texto se concentra em observar os percursos desenvolvidos pela menina em busca da mãe, o crescimento interior e a tomada de consciência que ela estabelece em relação à sua identificação num país onde as tradições são

reencenadas e as reterritorializações (GUATTARI,1992) daquilo que veio com o colonizador não garantem melhorias efetivas.

Vale salientar que o contexto pós-colonial, os destroços do país, as perdas dos referenciais vão sendo explorados como forma de se elencar as fraturas e violências ali orquestradas.

Um exemplo dessa implosão de valores está na forma como as crianças e adolescentes passam a ser tratados em *Mboasu*, além de comercializadas ou abandonadas, são alvo de múltiplas formas de violência articuladas pela instabilidade do contexto e legitimadas pelas tradições ancestrais.

Uma vez que não dispõe de apoio por parte do clã do marido morto, *Ewenji*, mãe de Musango, vê na menina a razão para sua desgraça e desenvolve por ela uma espécie de ódio. Para consumir a violência, recorre à sacralidade ancestral que a aconselha a cometer atrocidades com a criança:

“Ela matou o pai! É por causa dela que ele morreu e que agora nós estamos pobres! Isso me foi revelado e eu preciso me livrar dela...” [...]. Já uma vez você me tinha amarrado na mangueira do quintal e me açoitado até sangrar, “para extirpar o demônio que ela abriga e que é a causa da nossa desgraça.” Alguns dias antes, uma vidente havia confirmado as suas suspeitas a meu respeito. Ela disse: “É a sua menina [...]”. (MIANO, 2009, p. 11)

É desse modo que as relações familiares, a convivência no contexto pós-colonial está inevitavelmente fraturada pelas interferências sofridas na época da colonização. Os pais não conseguem mais cuidar dos seus filhos, as instituições são e estão esfaceladas. A pobreza, a exclusão, a opressão, advindas da situação de marginalidade são confundidas e explicadas pela ótica das tradições que sobrevivem, e se reterritorializam. Em que se apegar?

Por outro lado, a influência de novos códigos e sentidos perturba essas tradições e lhes determinam novas rotas, como fica claro no caso do “demônio”, entidade desconhecida nas cosmogonias africanas e que é acionado pelo pensamento pós-colonial como instrumento de legitimação das atitudes dos pais em relação aos rebentos. Aspectos importantes sobre a formação identitária do africano, a questão da solidariedade clânica, o culto e o apego à ancestralidade, são assim pontuados por Miano.

Conforme Serrano e Waldman (2007, p. 129): “[...] para o africano, a sua identidade está, em primeiro lugar, centrada no núcleo familiar. A família constitui o cerne da vida social

no continente [...]” E, a perspectiva de família vai além do núcleo pai-mãe-filho. Notável é a existência de uma “família extensa”, um clã responsável pela garantia da saúde emocional, do equilíbrio e da identificação dos seus membros.

Quando *Musango* é expulsa de casa pela mãe, que no contexto, representa a autoridade e a sabedoria, toda sociedade de *Mboasu* lhe vira às costas e ela perde a sua identificação primeva construída historicamente pela inserção no grupo familiar, o primeiro laço de formação identitária e desatado restando apenas a incerteza.

Carente de um porto seguro, o sujeito-narrador busca a família paterna como referencial, mas não encontra apoio da avó e nem dos tios, que não ousam acolher a quem a própria mãe desprezou e assim, a menina vaguei pela sarjeta sem merecer a atenção dos passantes, visto que a rotina de violência e maus-tratos contra as crianças se tornara banalidade entre os habitantes de *Mboasu* que não mais se assombram ou questionam o fato de uma criança surrada, faminta e mal-vestida trafegar pelas ruas. Conforme o texto, não ousam perguntar-lhes nada, pois “perguntar implica assumir a carga das respostas. Depois, não se pode mais agir como se não soubesse. Ora, naquele tempo ninguém tinha condições para uma tal política” (MIANO, 2009, p. 19).

Se a família, tida pela tradição africana, como a primeira agência de construção histórica da identificação, exime-se dessa responsabilidade, resta ao sujeito-narrador desenvolver novas errâncias em busca dessa arquitetura: a igreja, as autoridades, a escola, aparecem como esses possíveis espaços. No entanto, *Musango* transita por ele e também os percebe esfacelados.

Os caminhos de *Musango* vão assim, dando conta ao leitor da condição caótica da cidade: lixo, miséria, perda de valores e referências: cidadania violentada, exploração...

Perambulando pelas vielas de uma feira, *Musango* é recolhida por *Ayanê* e *Epa* para ser conduzida a casa de *Aída*, uma francesa dedicada a *Mboasu*, às crianças e adolescentes vitimadas pelas guerras. Mais uma vez, Miano convida o leitor a observar a fragilidade da fixidez identitária, ou mesmo a carência de representatividade do jovem africano que é um nada em meio às mercadorias.

Resgatada após vários dias de silêncio e indiferença, *Musango* é conduzida a uma casa de caridade e, neste ponto do romance, a partir do diálogo de *Ayanê* e *Aída*, tanto o leitor como o sujeito-narrador percebem uma nova configuração para o adolescente do pós-colonial

e a relação deles com seus pais, na medida em que os genitores trocam o afeto pela expulsão, doravante motivados pelo próprio instinto de sobrevivência:

Disseram que se chama Musango e que a mãe a expulsou de casa acusando-a de bruxaria. Aída respondeu: Mais uma. [...]. Ao ouvi-las soube que éramos muitos, que com cada vez mais frequência as famílias desprovidas buscavam um pretexto para se desfazer de seus rebentos. O pai perdia o emprego. Depois de alguns dias rondando, afogado numa garrafa de álcool de milho, ele pegava um de seus filhos e o punha para fora. A mãe tinha uma crise nervosa de pensar em enfrentar mais um dia sem saber o que se comeria na casa. De repente, ela descobria que um de seus filhos era decididamente estranho. [...]. Às vezes, os pais iam procurar a aprovação dos espíritos, que sempre concediam, uma vez que eles tinham pagado ao marabu ou dado alguns trocados ao pastor. Os espíritos eram sindicalizados, e sua convenção coletiva resumia-se a algumas palavras: pague antes de ser atendido (MIANO, 2009, p. 23).

Assim, *Musango* deixa de ser acolhida na família e passa a ser assistida por uma instituição de caridade, perde o referencial clânico e se percebe como mais uma criança a engrossar as estatísticas do abandono. O fragmento ainda apresenta uma crítica aos valores religiosos, à prática do suborno e à violência a que estão submetidos tanto os pais quanto os filhos.

Nesse novo ambiente, a menina tem contato com histórias de vários jovens em situação semelhante a sua. São crianças que escaparam da morte em praça pública por roubarem alimentos, meninos recrutados para guerrilhas, ou recém-nascidos encontrados no lixo, todas, conforme o texto, “encarnavam os fracassos de seus genitores” que por sua vez, se aglomeravam nos templos cristãos em busca de uma salvação financeira, muito mais do que remissão de pecados.

A partir do ingresso à instituição e ao sequestro que lhe sucede, nova rota é realizada pela menina. Vendida como mercadoria de segunda, passa a ser propriedade de membros de uma igreja cristã cujo proselitismo garante o enriquecimento rápido e o sanar de todas as dores “monetárias”. Ironicamente denominados de: *Vida Eterna, Dom de Deus, Luz Divina e Coluna do Templo*, esses dirigentes conciliam as atividades catequéticas oriundas do Ocidente, à permanência de rituais locais e ao tráfico internacional de crianças.

O texto de Miano, nesse ínterim, passa a focar a realidade dos aliciamentos de jovens africanos para rede de prostituição internacional e o sonho de muitos deles em “fazerem a Europa”, cuja feição de eldorado é ampliada pelo contraste com a realidade de miséria local.

O fragmento a seguir narra a história de *Siliki*, uma das meninas vendidas ao Luz Divina e que se encontra trancafiada com *Musango*:

Ela era a única que não dizia nada, mas eu conhecia a sua história. Dom de Deus contara a *Kwendi* que contou para mim num dia em que estava precisando falar. *Siliki* gostava de mulher, e um dos seus tios, [...], conseguiu surpreendê-la em suas brincadeiras com a namorada. *Siliki* precisou confessar sua culpa diante de toda a família. Ficou decidido que não se praticaria a ablação do clitóris, castigo prescrito pela tradição em tais casos. Agora éramos modernos. Os pequenos cortes adiantavam mais que essa mutilação. Então *Siliki* foi vendida a um traficante de Nasimapula, que a deu ao Luz (MIANO, 2009, p.44).

O texto denuncia a realidade de muitas crianças que são entregues pelos próprios familiares às redes de prostituição ou, de livre vontade, buscam esses agentes alimentadas pelo ideal de fuga da miserabilidade que as oprime.

Pela referência à pedofilia e à prostituição, também o proselitismo religioso ocidental é posto sob rasura, na medida em que é apresentado como um disfarce que encobre todo tipo de violência cometida contra os jovens. Os antigos rituais da sacralidade ancestral são agora “acomodados” à cosmogonia cristã e a hibridação das religiosidades vaticina o destino de criaturas que se entendem predestinadas à exploração da qual não buscam escapar.

Após o longo convívio de três anos com essas mercadorias-meninas, *Musango* procura respostas para sua existência e volta à *Sombê* para reencontrar a sua mãe, na tentativa de entender seu abandono. Logo, encontra um jeito de fugir do esconderijo e consegue denunciar Luz Divina à polícia. Porém, as autoridades locais não ousam investigar os traficantes sob pena de perderem os benefícios que as igrejas garantem a um sistema embrenhado na corrupção.

Novamente sozinha, *Musango* decide procurar a escola que frequentara na época em que o pai estava vivo e lá recebe o apoio da diretora. No colégio, descobre que a mãe, atualmente, frequenta uma das muitas igrejas cristãs que infestavam a cidade. Lá, porém, não consegue reencontrá-la.

Fracassada mais esta tentativa, dirige-se à casa da avó materna a fim de receber algum apoio na destruída instituição familiar.

Incrustada entre um lixão em *Sombê* está a residência da avó de *Musango* e durante esse percurso, a menina rememora as proibições que a mãe lhe apresentara em relação à avó, em virtude da pobreza que a distanciava do ideal de enriquecimento orquestrado pela

ambição materna. O contato com a anciã marca o ingresso de *Musango* no aconchego familiar, o retorno ao clã, a reconstrução do seu passado, que ao final, possibilitará o seu futuro.

Alimentada pelas histórias da *Mbambé*, *Musango* tem notícias de que mãe é acompanhada a distância pela matriarca graças à ajuda de *Mbalé*, um jovem rapaz para quem a avó de *Musango* é uma espécie de mãe adotiva.

Musango então acompanha *Mbalé* ao cemitério e de longe observa a mãe junto ao túmulo do pai. Aproxima-se e não é reconhecida porque três anos se passaram.

A mãe *Ewenji* tenta mais uma vez agredi-la e mostra sinais de insanidade.

Recolhida pelo grupo de jovens amigos de *Mbalé*, é conduzida à casa de *Sessê* e *Musango* retorna com o rapaz para a residência da avó materna. Ambos descobrem que ela está morta e que agora terão que seguir seu caminho por conta própria, fortalecidos pelas lições que o abandono e a errância tatuaram tanto em seus corpos como em suas mentes.

Dessa maneira, a obra de Léonora Miano articula a mensagem de que a afirmação da identidade adolescente em meio às fraturas do pós-colonial é algo que demanda luta, reencontros, buscas incessantes, produção..

As travessias enfrentadas por *Musango* podem ser lidas como rituais, provas tão comuns às “adolescências” em diversas sociedades e que lhe impulsionaram ao encontro com um devir identitário mais processo que resultado.

O final do romance é emblemático, porque o sujeito-narrador consegue finalmente libertar-se dos fantasmas da mãe e entender que os sofrimentos proporcionados pela ausência familiar foram subsídios para fortalecer o ser em que se transformara:

Todos esses anos, achei que você não me tivesse dado nada. Não é verdade. Você me deu o que pôde, e isso tem valor. Sem ter consciência, você me indicou o caminho a não seguir, e eu amo ternamente esse saber que herdei de você. Você vê, mamãe, agora é minha vez de viver. Escalei a montanha. Estou agora na outra encosta do desastre, que, ao contrário do que eu pensava, não é a totalidade do laço que nos une. Era apenas uma espécie de abecedário para mim, meu primeiríssimo manual de vida. Ainda vou ler outros (MIANO, 2006, p.207).

Compreendendo as relações familiares, a convivências com outras instâncias institucionais, o relacionamento interpessoal, os sofrimentos causados pela violência e abandono como instrumentos para produção identitária e para o crescimento pessoal do sujeito-narrador, Miano sinaliza que algumas rotas já foram trilhadas pela jovem *Musango*, daqui para frente apta a encontrar novos agenciamentos que impelirão a sua identidade a

desenvolver inesperadas reterritorializações: a principal delas, anunciada pela união das mãos com jovem *Mbalé*: “Pego a mão de Mbalé, e é com o coração ardente que seguro “[...] (MIANO, 2009, p.207).

O gesto parece sinalizar a esperança de que, em meio aos destroços e incertezas, juntando os esfacelamentos de múltiplas experiências, ambos cresceram e procuram agarrar, juntos, os contornos de uma nova existência como um dia novo que vem vindo.

REFERÊNCIAS:

MIANO, Léonora. **Contornos do dia que vem vindo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

APPIAH, Anthony Kwame. **Na casa do meu pai: África na filosofia cultural**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. [Trad.]. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Introducción a uma poética de lo diverso**. Barcelona: Ediciones del bronce, 2002.

_____. **O mesmo e o diverso**. [Trad.] Normélia Parise. In: Le discours antillais. Paris: Seuils, 1981, p.190-201.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

_____ e Rolnik, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [Trad.]. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2009.

PERRACHO, Bianca Basile e FORLI, Cristina Arena. **Venenos de Deus, remédios do diabo**: a solidão no compasso da pós-independência de Moçambique. Revista Historiador, Nº 3 – Ano 3, 2010. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Acessado em 10.08.2011.

SANTOS, Luís Alberto Ferreira Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e especo ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memórias da África**. São Paulo: Cortez, 2007.